

MARIA LUIZA DA COSTA TÔRRES

UMA MINEIRA QUE HONROU AS RAÍZES COM MUITO TRABALHO E RESILIÊNCIA

DONA TITA chegou a Tangará da Serra em 1971 com sua família

ROSI OLIVEIRA /
REDAÇÃO DS

Maria Luiza da Costa Tôrres é daquelas mulheres pequenas em estatura, mas grande no caráter e posicionamento. Nascida em 10 de junho de 1936 em Itanhomi, Minas Gerais, veio de uma família humilde, sendo a mais velha que logo ganhou outros cinco irmãos, sendo dois homens e três mulheres vivos, José, Pedro, Pascoal, Estelina e Ana.

Para à época, seu estudo era avançado, uma vez que deu aulas na localidade em que morava. Segundo a filha Ruth Maria da Costa o estudo deveria ser de terceiro ano. “Ela alfabetizou muita gente em Minas e que encontrou aqui e tinham muito carinho por ela, que a chamavam de professora”, conta a filha.

Aos 26 anos se casou com Davi José da Costa de quem era prima de primeiro grau. Ele trabalhava com carpintaria e marcenaria e com o casamento, Maria Luiza deixou de lecionar e passou a se dedicar à casa e ao filho que chegou logo em seguida, mas, que infelizmente não vingou. Além desse filho, perdeu mais alguns que a filha não consegue precisar. Depois de algumas perdas, chegam Maria Luiza, Rosilda, José Pedro e Ruth.

Com o casamento o casal foi morar em um patrimônio conhecido por ‘Vai e Volta’ no sítio da sogra/tia aonde todos os filhos moravam no mesmo local. Ali a família sentia que era a mais discriminada, inclusive na escolha da terra que foi cedida que não dava para plantar. O sofrimento era grande e ao ver que as coisas não melhoravam incentivava o marido

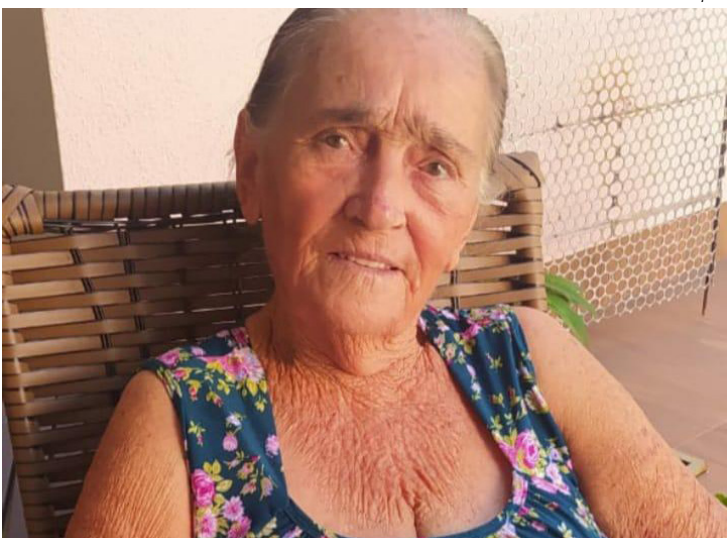


FOTO: DIVULGAÇÃO

DONA TITA VIVEU A MAIOR PARTE DA SUA VIDA EM TANGARÁ

a sair em busca de algo melhor. Após muito pensar e por ter uma fé grande, Maria teve as orações atendidas. O marido chegou certo dia em casa dizendo que iriam se mudar para o Mato Grosso. “Ele chegou e vendeu a parte dele para os irmãos que compraram por um preço qualquer. Vendeu só pra gente ter um dinheiro para comer na estrada, a preço

de nada”, relata com os olhos cheios de lágrimas ao recordar o sofrimento dos pais.

Assim, passados alguns dias de preparativos calados, o caminhão chegou para apanhar a família que juntou o pouco que tinha e se pôs a caminho, causando espanto nos familiares. “E assim vieram sem saber para onde, com a cara e a coragem”.

Embora tenha trabalhado em serviços pesados, tinha uma saúde muito boa. Era ágil e animada, fazia as suas obrigações, mas devido a perda de um dos filhos com 36

anos, em um acidente numa obra, Tita começou a apresentar problemas de saúde.

Como o destino é dono de pregar peças, o neto, filho do filho que havia falecido, também parte de forma brutal, aos 26 anos, em um acidente de motocicleta após um show no Parque de Exposições. Maria sentiu o chão fugir de seus pés com mais uma das inúmeras perdas que já havia acontecido e os problemas com a saúde se agravaram, chegando a um Acidente Vascular Cerebral (AVC), problemas cardiológicos, de pressão arterial e labirintite. “Mas mesmo assim ela era uma pessoa ativa”, relata Ruth.

Assim seguia, mas numa terça-feira disse que não se sentia muito bem, estava reclamando de dor de cabeça e no peito, que pensava ser efeito da labirintite e relutou para ir ao médico, mas os filhos decidiram que ela deveria ir e insistiram. No hospital tiveram a notícia de que a médica com quem fazia tratamento não estava no Brasil e somente retornaria na próxima semana, mas a filha que a acompanhava a convenceu depois de muito tempo a se consultar com outro médico. “Mas depois de um tempo ela já disse que não queria mais porque já não estava mais sentindo nada que estava sentindo antes”.

O medo dela, segundo a filha, era que trocassem a medicação que tomava e que para ela, era boa. Os filhos respeitaram, já que estava melhor, e marcaram a consulta para quando a médica voltasse e voltaram para casa. Na residência, passou o restante do dia deitada, mas recusou todos os alimentos oferecidos, até o café que nunca enjeitava. Ao final do dia a filha foi para casa e o irmão ficou, saindo de seu lado somente quando o esposo chegou já a noitinha. Os filhos deixaram a recomendação de que ligassem caso houvesse necessidade, o que aconteceu às três horas da manhã dando conta que ela não estava nada bem.

“Ela já estava sentada na área numa cadeira de fio e respirava com dificuldade. Ficamos conversando e acalmando ela”. O Samu havia sido solicitado, mas ao chegarem, Tita já demonstrava sinais de que já não estava mais ali, mas os esforços em fazer a ressuscitação seguiu dentro da ambulância que inclusive, foram duas, uma mais avançada. “Eles não desistiram e lutaram por horas com ela, mas não teve jeito”, relembra a filha ao contar do infarto. “Foi a morte que ela sempre pediu para Deus, porque ela não queria dar trabalho para ninguém”.

A viagem aconteceu em 1971 em um ‘pau de arara’, e durou cerca de 15 dias, com mais famílias que também vinham em busca de melhores dias. Ao chegarem na serra encontraram uma barreira, uma vez que o local era de difícil acesso. Ali ficaram por três dias. Ao chegarem em Tangará da Serra, das aproximadamente 20 famílias, todas encontraram no mesmo dia trabalho em sítios. A família de Maria foi para a região da Linha 11 e depois para o Pé de Galinha.

Em Tangará da Serra nasceram mais dois filhos: Sílvio José e Erisvaldo e aqui, infelizmente, Dona Tita, como também era conhecida, perdeu um filho de três anos que morreu de sal de gado. “A distância era grande até à cidade e quando deu jeito já não adiantava mais”, relata a filha. Um dos filhos nascidos no Município nasceu embaixo de pés de café enquanto fazia a cata.

Para ajudar na manutenção da família, além da colheita do café na região do Altos do Tarumã, passou a trabalhar na cidade e um dos seus empregos foi no Hotel Gaúcho, depois no Hospital das Clínicas e no Banco da Amazônia.

O esforço valeu a pena que com suas economias comprou uma casa na cidade aonde a família já morava.

Enfrentando desafios, Maria acreditava que ‘não há dor que sempre dure e nem bem que nunca acabe’

A vida seguia de forma sofrida e quanto vencia uma dificuldade outra aparecia. A necessidade de tanto esforço se fazia pelo fato de o marido ter desenvolvido o hábito de beber constantemente, isso a fez tomar a frente da família. “Meu pai era muito bom e trabalhava, mas não tinha responsabilidades. Ele trabalhava, fazia a compra do que faltava e quando tirava para beber era um tempo. Por isso, ela era quem carregava tudo nas costas”.

As lutas iam e vinham e uma delas foi com a doença do esposo que a fez inclusive, perder o emprego por o ter acompanhado em tratamento a Cuiabá, uma vez que aqui os recursos ainda eram poucos. De Tangará da Serra, os médicos já suspeitavam de que a doença fosse um câncer que o esposo desenvolveu

na garganta. Graças a ajuda da igreja, os gastos com medicamentos, curativos foram custeados, mas dentro de seis meses aconteceu a partida.

Após o falecimento, voltou a trabalhar sendo despedida em seguida sumariamente, sem nada receber. Mas como a fé que a sustentava não falhava, iniciou a venda de geladinho que ajudou a família a se manter até que a aposentadoria do esposo chegasse. “Minha mãe foi uma empreendedora, porque nessa casa que ela comprou e tinha um terreno grande, ela construiu várias peças que alugava e sempre tinha um dinheiro em mãos para socorrer até nós os filhos”. Depois de 21 anos de viuvez, aos 72 anos, encontrou Tamir Tôrres com quem se casou e viveu por 15 anos.

Dona Tita: Uma aroeira que mesmo ferida, demorou tombar

A HOMENAGEM

Maria Luiza da Costa Tôrres faleceu em 16 de junho de 2022 aos 86 anos. Por sua garra e generosidade, através do vereador Rogério Silva foi agraciada com seu nome sendo eternizado na nomeação da Rua 90, localizada no Bairro Jardim Tarumã.